

*LIBER VIGINTI QUATTUOR  
PHILOSOPHORUM*  
O LIVRO DOS VINTE  
E QUATRO FILÓSOFOS\*

Anônimo

(Prologus)

(Prólogo)

Congregatis viginti quattuor philosophis, solum eis in quaestione remansit: quid est Deus? Qui communi consilio datis indutiis e tempore iterum conveniendi statuto, singuli de Deo proprias proponerent propositiones sub definitione, ut ex propriis definitionibus excerptum certum aliquid de Deo communi assensu statuerent.

Tendo-se reunido vinte e quatro filósofos, somente ficou-lhes como questão: O que é Deus? Por decisão comum, tendo-se dado um intervalo e marcado uma nova data para se encontrar, eles se propuseram proposições características sob a forma de definições, a fim de estabelecer, de comum acordo, a partir destas próprias definições, algo certo a respeito de Deus.

---

**Tradução de Jan G. J. ter Reegen – UECE.**

O texto latino utilizado é a chamada versão "comum", cuja edição crítica foi apresentada por F. Hudry, *Liber viginti quattuor philosophorum*, Corpus Christianorum, Continuatio Medievalis 143 A (Hermes Latinus III, 1), Turnhout 1997.

Aqui só apresentamos a tradução desta versão do Liber, sem nenhum comentário, introdução ou comparação, por exemplo com a versão mais antiga do Liber, a de Laón. Está em elaboração um estudo mais aprofundado sobre este valioso documento.

*Le Livre des XXIV Philosophes*. Traduit du latin, édité et annoté par Françoise Hudry. Editions Jerome Millon, Grenoble, 1989.

*Para esta tradução foram consultados:*

*El libro de los veinticuatro filósofos*. Edición de Paolo Lucentini. Traducción de Cristina Serna y Jauma Pòrtulas. Ediciones Siruela, 2000.

*Buch der XXIV Philosophen*. Übersetzt von Alexander Fidora/Andreas Niederberger. (ainda não publicado, mas gentilmente cedido pelos autores)

## I

DEUS EST MONAS MONADEM GIGNENS,  
IN SE UNUM REFLECTENS ARDOREM.

Haec definitio data est secundum imaginationem primae causae, prout se numerose multiplicat in se, ut sit multiplicans acceptus sub unitate, multiplicatus sub binario, reflexus sub ternario. Sic quidem est in numeris: unaquaeque unitas proprium habet numerum quia super diversum ab aliis reflectitur.

DEUS É A MÔNADA, QUE GERA A MÔNADA,  
E QUE REFLETE SOBRE SI UM CLARÃO DE LUZ.

Esta definição é dada conforme a imagem da causa primeira, na medida em que se multiplica em si em grande número, de forma que o multiplicando seja tomado sob a unidade, o multiplicado sob a díade, o refletido sob a tríade. Assim ocorre também nos números: cada unidade possui seu próprio número, porque ela é refletida pelas outras (unidades), além do (número) diferente.

## II

DEUS EST SPHAERA INFINITA CUIUS CENTRUM EST UBIQUE,  
CIRCUMFERENTIA NUSQUAM.

Haec definitio data est per modum imaginandi ut continuum ipsam primam causam in vita sua. Terminus quidem suae extensionis est supra, ubi et extra terminans. Propter hoc ubique est centrum euis, nullam habens in anima dimensionem. Cum quaerit circumferentiam suae sphaericitatis, elevatam in infinitum dicet, quia quidquid est sine dimensione sicut creationis fuit initium est.

DEUS É UMA ESFERA INFINITA,  
CUJO CENTRO ESTÁ EM TODO LUGAR  
E CUJA CIRCUNFERÊNCIA ESTÁ EM LUGAR NENHUM.

Esta definição é dada para poder se imaginar a própria causa primeira como um contínuo na sua vida. O fim de sua extensão está acima, lá onde termina também fora. Por isto, o seu centro está em qualquer lugar, não tendo na alma nenhuma dimensão. Quando procura a circunferência de sua esfericidade, diz que ela é elevada ao infinito, porque o que é sem dimensão, como foi o caso da criação, é o início.

## III

DEUS EST TOTUS IN QUOLIBET SUI.

Haec definitio data est secundum considerationem essentiae divinitatis in sua simplicitate.

Cum non sit aliquid ipsi resistens, ipsa simul ubique tota ens, et etiam similiter super et extra, ubique non distrahitur defectu virtutis alicuius in ipsa deficientis, nec stat terminata virtute alieni dominantis.

## DEUS É TOTALMENTE EM QUALQUER PARTE SUA.

Esta definição é dada considerando a essência da divindade na sua simplicidade.

Como nada existe que lhe resiste, ela sendo ser completo em qualquer lugar, ao mesmo tempo e também, de modo parecido, acima e fora, em lugar nenhum será dividida pelo fracasso de alguma força nela falhando, nem será encerrada pela força de um dominador estranho.

### IV

#### DEUS EST MENS ORATIONEM GENERANS, CONTINUATIONEM PERSEVERANS.

Haec definitio dicit vitam propriam secundum rationes diversas ipsius essentiae deitatis.

Numerat enim se genitor gignendo; genitura vero verbificat se quia gignitur; adequatur vero per modum continuationis (qui) se habet spirando.

#### DEUS É A MENTE QUE GERA O DISCURSO, E QUE CONTINUA O PROGRESSO.

Esta definição fala da vida própria, segundo várias razões, da própria essência da divindade.

Esta se considera genitora gerando, gerada torna-se verbo, porque foi gerada; ela torna-se igual pelo modo da continuação que se apresenta como um sopro.

### V

#### DEUS EST QUO NIHIL MELIUS EXCOGITARI POTEST.

Haec definitio data est a fine.

Unitas vero finis est et perfectio. Quod ergo sonat hoc, bonum est, et quanto magis, tanto magis bonum. Gaudium ergo veritatis omnis essentiae sua vita est, vita quidem omnis ab unitate, haec autem ab interiori indivisione. Quanto igitur magis unum, tanto magis vivit. Sua unitas summa est.

#### DEUS É AQUELE DE QUE NÃO SE PODE PENSAR NADA MELHOR.

Esta definição é dada considerando o fim.

A unidade, de fato, é o fim e a perfeição. O que, então, isto significa é o bem, e quanto mais (unidade), tanto maior o bem. A alegria da verdade de toda a essência é sua vida; toda vida, porém, vem da unidade, esta – por sua vez – da indivisão interior. Por isto, quanto mais uno, tanto mais vive. Sua unidade é máxima.

## VI

### DEUS EST CUIUS COMPARATIONE SUBSTANTIA EST ACCIDENS, ET ACCIDENS NIHIL.

Haec definitio datur sub relatione.

Subjectum quoque accidentis propria substantia est cum aliena. Quae aliena si recedit, perit accidens, id est proprietas agens.

Relatione ergo ad primam causam omnis substantia accidens est, et accidens nihil, et substat nihil substantiae ut alienum: substantia divina est ut substantia propria quae non fluit.

### DEUS É AQUELE EM COMPARAÇÃO COM QUEM A SUBSTÂNCIA É ACIDENTE E O ACIDENTE NADA.

Esta definição é formulada na forma de uma relação.

O sujeito do acidente é a própria substância ligada a uma outra substância. Quando esta outra substância desaparece, perece o acidente, isto quer dizer, a propriedade de agir.

Em relação, então, à causa primeira toda substância é acidente e o acidente é nada, visto que nada sustenta a sua substância como algo diferente: a substância divina é como uma substância própria que não passa.

## VII

### DEUS EST PRINCIPIUM SINE PRINCIPIO, PROCESSUS SINE VARIATIONE, FINIS SINE FINE.

Haec definitio est secundum speciem data.

Genitor vero primum capit ratione geniturae, sed non sic primo ut non prius. Genitus vero procedit generatione in finem, sed non recipit variationem natura medii. Intendit enim quod idem est finis vero nomine gerantis et geniti, quia non est vita divina nisi unum medio tantum; sed non est finis ratione operis, ut quies et motus.

### DEUS É O COMEÇO SEM COMEÇO, O PROCESSO SEM MUDANÇA, O FIM SEM FIM.

Esta definição é dada segundo o conceito.

O genitor toma, de fato, o primeiro lugar por causa da geração, mas não assim primeiro, como se não fosse anterior em ordem. O gerado, porém, procede pela geração para um fim, mas não recebe mudança pela natureza do intermediário. Isto significa que o fim é o mesmo no nome de gerador e gerado porque não há vida divina quando se não é um só pelo intermédio; mas não é fim em razão de uma obra, como é o caso do repouso e do movimento.

## VIII

### DEUS EST AMOR QUI PLUS HABITUS MAGIS LATET.

Haec definitio data est per effectum.

In prima causa id a quo vita et est ipsum a quo vita tota. Igitur id ipsum est fons amoris in illo.

Quod si rei creatae unitas generantis et geniti ad illam penitus se inclinat, revertendo per viam regressionis, tunc est id ipsum amor creaturae, prout ordinata est creatura ab ipso cui quanto magis te unificaveris, tanto exaltaberis et tanto elevabitur.

Et hoc eius latere est.

DEUS É AMOR QUE QUANTO MAIS É POSSUÍDO, TANTO MAIS SE ESCONDE.

Esta definição é dada por efeito.

Na primeira causa há aquilo de que procede a vida, e isto mesmo é aquilo de que provém a vida inteira. Por isso, aquilo é a fonte de amor nele.

Se a unidade da coisa criada se inclina por inteiro àquela unidade do criador e criado, voltando pela via do regresso, isto mesmo é o amor da criatura, enquanto ela é ordenada por aquilo que tanto mais será exaltado, tanto mais te unificarás, quanto mais te exaltarás.

E o seu esconder-se consiste nisto.

## IX

DEUS EST CUI SOLI PRAESENS EST  
QUIDQUID CUIUS TEMPORIS EST.

Haec definitio est secundum formam.

Totum quidem uno aspectu omnes partes videt, pars vero totum non videt, nisi diversis respectibus et successivis. Propter hoc deitas est successorum totalitas. Unde intuitus eius unicus est, non consequenter factus.

DEUS É O ÚNICO PARA QUEM É PRESENTE  
TUDO QUE PERTENCE A QUALQUER TEMPO.

Esta definição é segundo a forma.

O todo, pois, vê todas as partes num olhar, a parte, entretanto, não vê o todo senão sob diversos e sucessivos aspectos. Por isto a divindade é a totalidade dos sucessivos. Conseqüentemente o seu olhar é único e não feito em seqüência.

## X

DEUS EST CUIUS POSSE NON NUMERATUR,  
CUIUS ESSE NON CLAUDITUR, CUIUS BONITAS NON TERMINATUR

Haec definitio patet per quartam et septimam.

In posse creato, et primo inventus est numerus, secundum plura aut pauciora opera educentia possibile ad actum, quia, si sint infinita, impossibile dicitur. Eius enim quod fiet ab eo actu sunt infinita opera; unde subito operatur. Ubi vero est infinitus numerus ordinatus ad actum et invenitur resistens, non poterit evenire.

Omne esse clausionem dicit finitatis alicuius. Unde a centro ad esse eius sunt operationes finitae. In divino esse non est sic, sed opera infinita a centro ad extremum et actum. Unde sua clausio infinita est et actu non impossibilis, nisi quia necesse existens.

Unde sequitur quod etiam redeundo est interminata bonitas via securior ab esse in unitatem centri.

DEUS É AQUELE A CUJO PODER NÃO PODE SER ATRIBUÍDO UM NÚMERO  
CUJO SER NÃO É FECHADO,  
CUJA BONDADE NÃO TEM LIMITES.

Esta definição torna-se clara na luz da quarta e sétima.

Na potência criada também se encontra, pela primeira vez, o número, na medida da existência de mais ou menos obras, conduzindo o possível à atualização; porque, se fossem infinitas, seria falar do impossível. Àquele, portanto, que se torna realidade por este ato, pertencem obras infinitas, pelo fato que funciona imediatamente. Quando, então, há um número infinito ordenado à atualização e se encontra resistência, este não poderá acontecer.

Cada ser significa o fechamento de algum fim. Por isto são finitas as suas operações do centro ao ser. No ser divino as coisas não acontecem desta forma, mas as obras infinitas vêm do centro até o mais afastado e até a atualização. Por isto, seu fechamento é infinito e só é possível em ato na medida em que existe necessariamente

Dai segue que mesmo voltando, a ilimitada bondade é o caminho mais seguro que vai do ser até a unidade do centro.

XI

DEUS EST SUPER ENS,  
NECESSE, SOLUS SIBI ABUNDANTER, SUFFICIENTER

Haec definitio formalis est, sed relata.

Esse omne clausionem dicit. Superest igitur qui non clauditur. Et necesse quia malum non habet, quia non clauditur, sed infinita possibilitate. Nec sic distrahitur suum superesse quin redeat a se in se, et non totum indigenter, sed exuberanter.

DEUS É ALÉM DO SER, NECESSÁRIO, SÓ A SI  
DE FORMA ABUNDANTE, AUTO-SUFICIENTE.

Esta definição é formal, mas relativa.

Todo ser é um termo. Àquele que não tem fim (Deus) está, por isto, além do ser. E (Deus) é necessário porque ele não tem defeito, porque não tem fim, mas é de infinita possibilidade. E desta maneira o seu ser-além não é dividido, mas volta por si para si, e isto de forma alguma de modo pobre, mas exuberante.

XII

DEUS EST ENS CUIUS VOLUNTAS DEIFICAE ET POTENTIAE  
ET SAPIENTIAE ADEQUATUR.

Voluntas, scire et posse principia sunt actionis in creaturis. Non aequalia sunt quia voluntas est deformior quam scire et posse. Mihi quidem natura coartavit posse, correptio vero scire, sed remanet voluntas non coacta usque ad elongationem perpetuam.

DEUS É AQUELE CUJA VONTADE SE IGUALA  
TANTO À SUA POTÊNCIA COMO À SUA SABEDORIA.

A vontade, o saber e o poder são, nas criaturas, os princípios da ação. Não são iguais, porque a vontade é mais indeterminada do que o saber e o poder. A natureza, porém, me há limitado o poder, a aplicação o saber, enquanto a vontade, não coagida, permanece em eterna extensão.

XIII

DEUS EST SEMPITERNUS  
AGENS IN SE SINE DIVISIONE ET HABITU.

Agunt creata et acquirunt habitum. Agunt et deficiunt continuatione quia inveniunt resistens. Unde fatigatio scindit vim.

Sic non est in creatore. Non transmutatur acquirendo habitum. Non indiget obumbratione ut quiescat fatigatus.

DEUS É A ETERNIDADE  
AGINDO EM SI, SEM DIVISÃO E DETERMINAÇÃO.

As criaturas agem e adquirem hábitos. Agem e falta-lhes continuidade, porque encontram resistência. Por causa disto o cansaço exaure a força.

No criador não ocorre da mesma forma. Ele não se transforma, adquirindo hábitos. Quando está cansado, não necessita de sombra para repousar.

XIV

DEUS EST OPPOSITIO NIHIL MEDIATIONE ENTIS.

Haec definitio imaginari facit Deus esse sphaeram in cuius centro nihil incarceratur. Et est continue agens sphaera divina opus divinum quod detinet nihil in suo esse aeternaliter, a quo per exuberantiam suae bonitatis vocavit in esse rem quae est quasi circa centrum. Quae si ad esse actum attrahit, stabit sphaera, si ad esse possibile, redibit ad nihilum.

DEUS É O CONTRÁRIO DO NADA PELA MEDIAÇÃO DAQUILO QUE É.

Esta definição faz com que se forme de Deus uma idéia como de um círculo em cujo centro está incluído o nada. E a divina esfera realiza de modo contínuo a obra divina, pela qual guarda o nada eternamente no seu ser, de onde, pela abundância de sua bondade, chama para o ser a coisa que está como que ao redor do centro. Quando ela atrai para o ser verdadeiro, estará como esfera; quando, porém, (atrai) para o ser possível, voltará ao nada.

XV

DEUS EST VITA  
CUIUS VIA IN FORMAM EST VERITAS,  
IN UNITATEM BONITAS.

Est motus a medio et ad medium: primus dat esse, secundus dat vivere. In Deo primus motus est vita generantis ad genitum cum esse; secundus, id est via conversa, est bonitas.

DEUS É A VIDA,  
CUJO CAMINHO PARA A FORMA É A VERDADE,  
PARA A UNIDADE A BONDADE.

O movimento é a partir do meio e em direção do meio: o primeiro dá o ser, o segundo o viver. Em Deus o primeiro movimento é o caminho de quem gera para o gerado com o ser; o segundo, isto é o caminho invertido, é a bondade.

XVI

DEUS EST QUOD SOLUM VOCES NON SIGNIFICANT  
PROPTER EXCELLENTIAM, NEC MENTES INTELLIGUNT  
PROPTER DISSIMILITUDINEM.

Officium vocis est significare intellectus mentis, et non aliud.

Anima non invenit in se speciem vel exemplar Dei, quia ipsa sunt penitus ipse, non secundum quod sit in rebus. Ergo dissimilis est ei secundum se totum, et non intellectus, igitur nec significatus.

DEUS É A ÚNICA COISA QUE AS PALAVRAS NÃO SIGNIFICAM  
EM RAZÃO DE SUA EXCELÊNCIA, NEM OS ESPÍRITOS COMPREENDEM  
POR CAUSA DE SUA DIFERENÇA.

A tarefa das palavras é significar os conhecimentos do espírito e não outra coisa.

A alma não encontra em si a figura nem a imagem de Deus, porque estas são totalmente ele mesmo, não da forma em que está nas coisas. Por isto (Deus) é diferente dela na sua totalidade, e não é compreendido, e, conseqüentemente, também não significado.

XVII

DEUS EST INTELLECTUS SUI SOLUM,  
PRAEDICATIONEM NON RECIPIENS.

Non cognoscitur nodus per relationem nodi.

Praedicatio in rebus est ut diversis rationibus explicetur quod unica includitur. Igitur cum in Deo non sint diversae rationes secundum prius et posterius, perfectiores quid eius secundum magis et minus, non recipit praedicationem, sed se ipsum ipse intelligit quia ipsum ad ipsum generat.

DEUS É INTELECTO SÓ DE SI MESMO,  
NÃO RECEBENDO PREDICADO.

Não se conhece o nó pela relação com o nó.

O predicado existe nas coisas para que se explique de diversos modos o que está incluído num único só. Pelo fato de não existirem em Deus diferentes modos, conforme anterior e posterior, constituindo a sua quiddidade, conforme o mais ou o menos. Ele não recebe predicado, mas se pensa a si mesmo porque se gera a si mesmo.



XVIII

DEUS EST SPHAERA CUIUS TOT SUNT CIRCUMFERENTIAE  
QUOD PUNCTA.

Ista sequitur ex secunda, quia cum sit totus sine dimensione, et etiam dimensionis infinitae, non erit in sphaera suae essentiae extremum.

Igitur non est in extremo punctus quin exterius sit circumferentia.

DEUS É UMA ESFERA QUE TEM TANTAS CIRCUNFERÊNCIAS  
QUANTO PONTOS.

Esta definição é uma consequência da segunda, porque sendo Deus todo sem dimensão e até de dimensão infinita, não haverá limite na esfera de sua essência.

Conseqüentemente, não há no fim um ponto que seja exterior à circunferência.

XIX

DEUS EST SEMPER MOVENS IMMOBILIS.

Immobilis dicitur Deus quia est secundum unam dispositionem semper, et hoc est esse in quiete.

Movens semper est, quia vivens in se, tamen sine alteratione. Intelligit se intellectu simplici, et hoc est quod intellectus perficit intellectum, et intellectum est forma intelligentis.

DEUS É SEMPRE MOVENTE  
IMÓVEL.

Deus é chamado imóvel porque sempre é conforme uma única disposição e esta consiste em estar em repouso.

Ele sempre se move, porque é vivo em si, embora sem mudança. Conhece-se a si mesmo de conhecimento simples, e isto se realiza desta forma porque o intelecto aperfeiçoa o que é conhecido e o que se conhece é a forma daquele que se conhece.

XX

DEUS EST QUI SOLUS SUI INTELLECTU VIVIT.

Non vivit sicut corpora quae recipiunt aliena intra se ut convertant ea in sui naturam.

Non vivit ut corpora supracaelestia quae a spiritibus habent motum, nec vivit ut intelligentiae, animae quae ab ipsius unitate sustentantur.

Sed a se ipso et in se intelligendo vivit et est superessentiallyter.

DEUS É O ÚNICO QUE VIVE  
DO CONHECIMENTO DE SI MESMO.

Ele não vive como os seres corporais que recebem em si realidades estranhas para que as convertam na sua própria natureza. Também não vive como os corpos supracelestes que recebem o movimento dos espíritos, nem como os seres inteligentes, as almas que são sustentadas pela sua própria unidade.

Mas ele vive por si mesmo e no conhecimento de si e é superessencial.

## XXI

### DEUS EST TENEBRA IN ANIMA POST OMNEM LUCEM RELICTA.

Species rerum apud animam, quae detegunt quod in ipsa est gratia cuius Deus quodammodo omnia, ipse illuminat animae. Sed post abiectionem omnium istarum formarum contemplatur divinitatem. Abnegando et removendo omnes rerum species ab ipsa, convertit se supra se et vult videre causam primam.

Et obtenebratur intellectus animae, quia non est aptus ad illam lucem incretam. Unde cum ad se convertit, dicit: Hic mihi tenebrae sunt.

### DEUS É A ESCURIDÃO QUE RESTA NA ALMA DEPOIS DE TODA A LUZ.

As formas das coisas que estão na alma, que revelam aquilo que está nelas e graças às quais Deus é de algum modo todas as coisas, ele mesmo as ilumina na alma. Mas, a alma, depois de rejeitar todas aquelas formas, contempla a divindade. Renegando e afastando de si todas as formas das coisas, se vira para o que está acima dela e quer ver a causa primeira.

E a compreensão da alma é obscurecida, porque não é adequada para aquela luz incriada. Daí que diz, quando a ela se dirige: Aqui para mim há escuridão.

## XXII

### DEUS EST EX QUO EST QUIDQUID EST NON PARTITIONE, PER QUEM EST NON VARIATIONE, IN QUO EST QUOD EST NON COMMIXTIONE.

Applicatione vero suae triformis essentiae ad nihil, iuxta illas res quae sunt ad esse producit, ut ex generante initium suae existentiae perciperent, per genitum in esse starent, in vivificatore permanerent.

Sed sic ex generante – quod ipse non dividitur – aliquid de sua essentia eis adhaerentiam tribueret, nec species divina, rebus speciem dans per se, non per alium, se ipsam variaret, nec vivificator, ipsa in se colligens, commixtionem ex interceptione aut impuritate contraheret.

### DEUS É AQUELE POR QUEM É TUDO QUE É SEM DIVISÃO, ATRAVÉS DE QUEM TUDO É SEM VARIAÇÃO, EM QUEM TUDO QUE É, É SEM MISTURA.

Pela aplicação, então, de sua essência triforme ao nada próximo, produz para o ser aquelas coisas que são, de modo que recebam daquele que gera o início de sua existência, que pelo gerado estejam no ser, permaneçam naquele que dá a vida.

Mas, assim ele atribui – para que ele mesmo não seja dividido – de quem gera algo de sua essência por aderência, e nem a forma divina, que dá forma às coisas por si mesma, não por outro, se muda a si própria, nem aquele que vivifica, reunindo em si estas coisas, contrai mistura nem impureza pela recepção.

### XXIII

#### DEUS EST QUI SOLA IGNORANTIA MENTE COGNOSCITUR.

Haec definitio cognoscitur per vigesimam primam.

Nihil cognoscitur ab anima nisi cuius speciem recipere potest et ad exemplar eius quod est in ipsa comparare. Nullius enim habet anima exemplar nisi illius quod per ipsam a prima causa fluxit in esse.

Igitur eius quod est super ipsam non habebit cognitionem, igitur non primae causae. Sed cum omnem aliorum contemplata fuerit scientiam, extrahendo ipsam primam causam a rebus et supponendo oppositionem nihil, quantum poterit acquirere sic habebit cognitionem.

Et hoc est vere ignorare, scilicet scire quid non est, et nesciendo quid est.

#### DEUS É AQUELE QUE A MENTE SÓ CONHECE NA IGNORÂNCIA.

Esta definição entende-se através da vigésima primeira.

Só se conhece pela alma aquilo cuja forma ela pode receber e que pode ser comparado com o modelo que está nela mesma. Porém, a alma só possui uma idéia daquilo que fluiu, através dela, pela causa primeira para o ser.

Então, daquilo que está acima dela, ela não terá conhecimento, nem, consequentemente, da causa primeira. Mas, quando ela tiver contemplado toda a ciência das outras coisas, extraindo delas a causa primeira e supondo a sua oposição ao nada, desta forma adquirirá todo conhecimento de que é capaz.

Isto é a verdadeira ignorância, a saber, conhecer o que não é e desconhecer o que é.

### XXIV<sup>1</sup>

#### DEUS EST LUX, QUAE FRACTIONE NON CLARESCIT, TRANSIT, SED SOLA DEIFORMITAS IN RE.

Haec definitio est ad essentiam data.

Lux creata sicut cadit super rem tenebrosam tantae tenebrositatis quod non sit potens lux illa purgare tenebrosum propter sui vehementem possibilitatem, tunc frangitur lux in radiis, in maximo scilicet sui acuti, et pertransit in accidentia, essentialis cum ista fractio accidentia multiplicat. Et haec claritas est.

Lux divina non invenit in rebus creatis tantam possibilitatem quae eam frangat in sui actione; unde omnia pertransit. Sed sola deiformitas in re, illa multiplicat et claritatem in re generat, in se nullam.

Et hoc est quod dicit.

---

<sup>1</sup> Muitos manuscritos omitem este enunciado, como p.ex. a própria versão comum, enquanto outros apresentam o texto presente

DEUS É A LUZ QUE BRILHA,  
QUE PERCORRE, MAS NAS COISAS  
SÓ HÁ UMA SEMELHANÇA COM DEUS.

Esta definição é formulada em acordo com a essência.

Quando a luz criada cai sobre uma coisa que está num escuro tão intenso que aquela luz não consegue superar esta escuridão, em consequência de sua forte materialidade, então a luz é fracionada em raios, isto quer dizer, no grau mais alto de seu brilho, e passa por acidentes, com isto esta fração de sua essência multiplica os acidentes. Isto é a claridade.

A luz divina não encontra nas coisas tanta materialidade, que a obrigue a fracionar a sua ação; em consequência disso, passa por todas as coisas. Mas somente há nas coisas uma semelhança com Deus, esta multiplica e gera nas coisas o brilho, que não existe em si.

E isto é o que disse.